

ENSAIO

O que Estamos Fazendo de Errado na Educação de Superdotados? Estamos Deixando de Fora uma Grande Quantidade de Estudantes com Alto Potencial

What We're Getting Wrong About Gifted Education? We're Leaving out a Large Swath of Students with a High Potential

Joseph S. **Renzulli**¹

Tradução: Denise de S. **Fleith**², Renata M. **Prado**³, Sofie Tortelboom A. **Martins**⁴.

Difícilmente uma semana se passa sem notícias sobre a tentativa de um distrito escolar de lidar com o problema da sub-representação de estudantes de baixa renda e crianças negras em programas educacionais para superdotados. As sugestões para resolver o problema geralmente incluem o uso de testes de triagem para todos os alunos, normas de teste dimensionadas para dados demográficos locais e testes não verbais que usam figuras ou imagens em vez de palavras. Embora essas recomendações possam ter valor ao fornecer uma visão mais ampla do desenvolvimento de comportamentos de superdotação elas ainda se baseiam em comparações de resultados de testes entre grupos e, portanto, não levam em consideração a importante distinção entre superdotação de alto desempenho escolar (ou acadêmica) e superdotação criativa ou produtiva.

A forma com que usamos a palavra "superdotado" indica um

problema subjacente no campo. Deixando de lado a aura que envolve seu uso, o que o termo "superdotado" expressa? A palavra é frequentemente usada para se referir a um estado fixo de ser ("Ela é superdotada") ou a um alto potencial em uma área específica do desempenho humano, geralmente em comparação com um critério ou grupo definido ("Ele é um escritor talentoso para a idade dele"). Essas duas interpretações diferentes do termo "superdotado" suscitam o que podem consideradas as questões mais importantes: alguém nasce talentoso ou os comportamentos talentosos são desenvolvidos? E, podemos desenvolver esses comportamentos em um número maior de alunos, além daqueles com alto escore em testes cognitivos ou desempenho acadêmico?

Tratar a superdotação como uma característica inata, que pode ser identificada por desempenho em testes resultou em um problema grave de sub-

¹ Joseph S. Renzulli é professor honorário de psicologia educacional da Universidade de Connecticut e cofundador, com Sally M. Reis, do Renzulli Learning System. E-mail: joseph.renzulli@uconn.edu

² Ph.D. em Psicologia Educacional pela University of Connecticut e professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. E-mail: fleith@unb.br

³ Doutora em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde e professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

⁴ Tradutora da Aksent Assessoria Acadêmica.

representação de crianças com alto potencial proveniente de famílias de baixa renda, bem como estudantes negros. Esses grupos, tradicionalmente, têm pontuações mais baixas em testes padronizados do que a classe média e as populações brancas.

Essa abordagem também exclui alunos que não apresentam excelente desempenho em currículos escolares tradicionais, mas são altamente criativos, pensam de forma diferente, realizam tarefas de novas maneiras, comunicam-se usando diferentes estilos de expressão, ou apresentam talentos, interesses, imaginações ou motivações altamente especializados. Essas diferenças individuais são raramente consideradas nos procedimentos tradicionais de identificação para a admissão em programas para superdotados, mesmo quando se usa a triagem universal e se dimensionam os resultados de acordo com as normas locais.

“Uma pessoa nasce talentosa, ou os comportamentos talentosos são desenvolvidos?”

A dificuldade em solucionar o problema da sub-representação em programas para superdotados pode ser melhor compreendida ao se reconhecer a diferença entre dois tipos de avaliação usadas para identificar estudantes para o atendimento educacional especializado.

O primeiro tipo é a avaliação da aprendizagem - qualquer coisa que nos informe o que os alunos já sabem e como eles se saíram na escola quando comparados com os outros. Esse contexto reflete o histórico familiar do aluno, a demografia da vizinhança, as experiências pregressas e a qualidade de sua experiência escolar anterior.

O segundo tipo é a avaliação para a aprendizagem, que leva em consideração as características do aluno, que por sua vez direcionam a oferta de oportunidades, recursos e incentivos especiais. Essas características incluem

curiosidade, interesses, estilos de aprendizagem, estilos de expressão, diversão e alto envolvimento em tópicos específicos. Igualmente importantes são as habilidades cocognitivas, como colaboração, empatia, criatividade, planejamento, autorregulação, entre outras habilidades das funções executivas. Essas habilidades, também denominadas “*soft skills*”, não são tão facilmente quantificáveis quanto as notas em testes de leitura e matemática, mas podem ser reconhecidas pelas observações dos professores, escalas de características e como os alunos reagem em situações de avaliação baseadas no desempenho.

Em um distrito urbano de Connecticut, onde eu trabalhava, por exemplo, um aluno teve um baixo desempenho nos resultados dos testes estaduais. No entanto, ele tinha um curioso fascínio por qualquer coisa relacionada à mecânica e eletricidade. Depois de examinar o seu perfil fundamentado na análise de suas potencialidades, seu professor incentivou-o a trabalhar em um projeto para a competição estadual de Invenções.

O aluno venceu a competição estadual, na sua divisão, desenvolvendo uma tigela de cachorro que disparava uma luz quando o nível da água ficava abaixo de um determinado peso, e passou a competir no nível nacional. As leituras, experimentação, coleta de dados e apresentações que o aluno realizou são tipos de comportamentos talentosos aos quais me refiro como talento criativo e produtivo. Esse tipo de superdotação ocorre quando o jovem pensa, sente e atua como um profissional, mesmo que em um nível júnior em comparação a cientistas, escritores e cineastas adultos.

E esses são exatamente os tipos de habilidades que os empregadores atuais procuram no mercado de trabalho em

rápida mudança, em que a criatividade, inovação e comprometimento com as tarefas são mais valiosos do que apenas obter uma alta pontuação em testes padronizados. A História está repleta de homens e mulheres que não eram "superstars" na escola, mas que deram notáveis contribuições para suas respectivas áreas de interesse e talentos quando receberam oportunidades e apoio.

A ênfase atual em grandes dados, resultados de testes e comparações entre grupos não oferece as informações de que precisamos para tomar as melhores decisões para cada criança. Embora pontuações e normas baseadas em métricas informem-nos sobre a distribuição das habilidades acadêmicas tradicionalmente medidas nos grupos, elas não fornecem informações sobre as habilidades cocognitivas dos indivíduos que são tão importantes para a tomada de decisões acerca da oferta de programas e serviços suplementares.

Esses pontos fortes, ou habilidades, devem ser o ponto de partida para decidir quem terá acesso a oportunidades criativas e de aprendizado avançado em determinados domínios acadêmicos e áreas de interesse. Podemos alcançar maior equidade em programas de educação de superdotados para populações sub-representadas, substituindo abordagens de identificação enraizadas na compreensão de "superdotado" como um estado fixo, cristalizado, e concentrando-se no desenvolvimento de comportamentos de superdotação, considerando os interesses, talentos, motivações e funções executivas de cada aluno, em áreas específicas nas quais há evidências baseadas em desempenho de alto potencial.

Os educadores devem reconhecer que o grupo de talentos dos Estados Unidos está mudando. Se

estudiosos e educadores permanecerem fiéis ao objetivo de produzir a próxima geração de líderes, acadêmicos, artistas e inovadores, eles devem explorar maneiras de ir além das métricas e normas tradicionais.